

O diálogo entre a geografia e a arte: aproximações possíveis a partir de um categorial geográfico

DANILO HENRIQUE MARTINS*

Resumo: A partir da década de 70 novos aportes teórico-metodológicos da geografia cultural possibilitaram a investigação de aspectos mais subjetivos da espacialidade humana. Nesse contexto, a arte é entendida como elemento constituinte de um mundo simbólico, sendo que a música, enquanto arte, pode ser pensada através das sensações, percepções e experiências do homem com os categoriais geográficos. Assim, o lugar pode ser compreendido por meio da música. Este trabalho tem por objetivo geral pontuar as possibilidades de análise entre a arte e a geografia e os objetivos específicos identificar a arte como forma simbólica, além de apresentar a música como instrumento de compreensão do lugar enquanto categorial geográfico. Para elucidar as hipóteses, foram consideradas as contribuições de Gil Filho (2010, 2012), Rein (1959) e Möckel (2011) em relação ao universo simbólico proposto pelo filósofo Ernst Cassirer, no qual a arte está inserida, e apresentada às contribuições de Carney (2007) e Kong (2009) quanto à relação entre o lugar e música. O presente trabalho demonstrou que a arte é um campo de estudo que permite à geografia cultural aprofundar o mais rico e valioso estudo em diversos âmbitos, visto que a percepção, a cognição, a representação, os sentidos que o homem atribui ao lugar onde vive, são mediados pelo universo simbólico na qual esta está compreendida. Constatou-se que a música carrega os traços dos lugares que estão repletos de sentidos para o homem, lugares estes geográficos que passam a ser mediados pela arte.

Palavras-chave: Universo Simbólico; Música; Lugar.

Dialogue between geography and art: a possible approaching from a geographical categorial

Abstract: From the 70 new theoretical and methodological contributions of cultural geography allowed the investigation of more subjective aspects of human spatiality. In this context, art is understood as a constituent element of a symbolic world and the music, as being a branch of the art, can be thought through the feelings, perceptions and experiences of the human being with the geographical categorial. Thus, the geographical place can be understood through music. This work has the objective point out the analysis possibilities between art and geography and specific objectives define art as symbolic form, and present music as a tool for the comprehension of the geographic place as a categorial. In order to elucidate the hypothesis, there were remarkable the contributions: Gil Filho (2010, 2012), Rein (1959) and Möckel (2011) in relation to the symbolic universe proposed by the philosopher Ernst Cassirer, in which art operates, and submitted to the contributions of Carney (2007) and Kong (2009) about the relationship between the place and music. This studying demonstrated that art is a field of study that allows the cultural geography deepen the richest and most valuable study in various fields, as perception, cognition, representation, senses that human being designate to the place where you live, they are mediated by the symbolic universe in which it is understood. It was found that the music carries the traces of the places that are full of meaning for human being, based on this perspective the geographical places can be mediated by art.

Keywords: Symbolic Universe, Music, Place.



* **DANILO HENRIQUE MARTINS** é mestrando do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná (UFPR).



A Arte na Geografia: paisagem natural de Natal, Rio Grande do Norte, Brasil; tela de autoria de artista local, identificado como João e adquirida pelo autor do artigo durante viagem de férias, janeiro de 2017.

Introdução

O homem relaciona-se com o meio por meio de suas percepções, representações e vivências de mundo. As percepções, memórias e vivências do homem e dos distintos grupos sociais constituem-se como elementos imprescindíveis para a construção do saber geográfico. Assim, por meio das categorias geográficas é possível realizar a compreensão do universo simbólico que permeia a ação humana.

O indivíduo está inserido nos lugares, adentra territórios, percebe as paisagens, analisa o espaço percebido, logo ocorre à inserção do homem no mundo. O lugar aqui renasce em um mundo de significados, sensações e percepções. Enquanto isso, a música, caracteriza-se como expressão das apreensões do homem em relação ao lugar. Assim, o caráter geográfico nasce nesse contexto e a música pode ser compreendida pela ciência geográfica.

A geografia, nos últimos anos, vem se utilizando das artes, do cinema, da

literatura como instrumento de análise do espaço geográfico. Para Carlos (2002, p. 175) “Hoje, muitos trabalhos se debruçam sobre a festa, a música, a literatura, o cinema, colocando em cena a relação entre a geografia e a arte, o que vem abrindo muitas possibilidades de pesquisa”.

A partir do exposto é que se justifica a presente pesquisa, visto que a geografia cultural, por meio de suas bases teórico-metodológicas, abre portas para a compreensão de seus categoriais a partir da relação indivíduo e lugar, e o lugar enquanto arte, por meio da música, principalmente devido às letras das canções assinalarem as percepções dos lugares.

Dessa maneira, a pesquisa tem por objetivo geral pontuar as possibilidades de análise entre a arte e a geografia. Para chegar a tal objetivo, a pesquisa tem por objetivos específicos identificar a arte como forma simbólica e suas possibilidades para uma análise geográfica e apresentar a música como

instrumento de compreensão do lugar enquanto categorial geográfico.

Para instrumentalizar a pesquisa foi realizada uma revisão bibliográfica acerca da temática, destacando as considerações de Gil Filho (2010, 2012), Rein (1959) e Möckel (2011) nas discussões do universo simbólico proposto pelo filósofo Ernst Cassirer, no qual a arte está inserida, além das contribuições de Carney (2007) e Kong (2009) para o entendimento da música nos estudos sobre o lugar na geografia.

A arte como forma simbólica: possibilidades para uma análise geográfica

A perspectiva cultural na geografia permite, a partir de seu aporte teórico-metodológico, mecanismos que possibilitam a investigação de aspectos mais subjetivos da espacialidade humana. A humanização, a estética, a identidade, o imaginário e a poética do espaço são resgatados com a chamada “Virada Cultural”, já que novas bases epistemológicas são ampliadas com a denominada nova geografia cultural.

De acordo com Claval (2011, p. 21) “A geografia cultural de hoje aparece como um fundamento comum, que explica a construção dos indivíduos, da sociedade, do espaço e de sistemas normativos”. A Geografia Cultural está preocupada com a identidade cultural, com o conceito de lugar e o simbolismo de coisas e objetos na paisagem (ROSENDAHL, 2012), logo a totalidade dos saberes geográficos tem uma dimensão cultural: eles são relativos a uma época, a um lugar ou a uma área (CLAVAL, 2001; 2010).

Para muitos geógrafos uma primeira hermenêutica pode ser desenvolvida a partir da Geografia Cultural com a finalidade de compreender o mundo dos significados, os lugares imaginados, as

paisagens carregadas de sentidos, as ações do indivíduo em relação ao espaço vivido, enfim a atividade simbólica que permeia o homem.

Porém, como pontua Gil Filho (2010, p. 02) “Há, pois, a necessidade de uma segunda hermenêutica em relação à abordagem cultural na geografia que se circunscreve na objetivação da cultura no categorial espacial”. Para Gil Filho (2010) a perspectiva filosófica proposta por Ernst Cassirer¹ abre possibilidade para a compreensão do mundo simbólico na qual o homem está envolto, criando uma perspectiva de análise geográfica.

Diferentemente dos animais, os seres humanos, criam e recriam, a partir das suas percepções e experiências, seu próprio mundo dos fatos simbólicos. Dessa forma, a partir do pensamento cassireriano, podemos compreender que todas as formas culturais dos indivíduos, são na realidade formas simbólicas. É nessa perspectiva que a Geografia tende a aproximar-se a fenomenologia de Cassirer.

O diálogo com o sistema cassireriano na Geografia pode ser considerado em duas perspectivas: a primeira está centrada na questão

¹ Ernst Cassirer (1874 - 1945) nasceu na cidade germânica de Breslau (atual *Wrocław* na Polônia) era de origem judaico-alemã, estudou Direito em Berlin (1892) tendo mudado para literatura germânica e finalmente Filosofia. Mudou frequentemente de Universidades para Leipzig, Heidelberg voltando para Berlin até chegar a Marburg (1894) onde estudou com Hermann Cohen. Obteve o título de doutor (1899) tornando-se professor titular da Universidade de Hamburg (1919), onde ensinou filosofia até 1933. Deixou a Alemanha após a ascensão de Hitler ao poder. No período de emigração foi para o Reino Unido lecionando em Oxford (1933-1934), Universidade de Göteborg, na Suécia (1935-1941) e nos Estados Unidos na Universidade Yale e Universidade de Columbia 1941-1945 (GIL FILHO, 2010, p.01).

de como a filosofia da cultura em Cassirer ajuda no debate do deslocamento teórico-metodológico aberto pela “virada linguística”; e a segunda questão é como a perspectiva espacial sob a teoria das formas simbólicas pode contribuir para a crítica do categorial espacial utilizado (GIL FILHO, 2010, p. 09).

Essas bases são imprescindíveis ao campo geográfico, uma vez que uma segunda hermenêutica pode ser realizada a partir do entendimento do mundo simbólico cassireriano. De acordo com Cassirer (1994, p. 359): “Na linguagem, na religião, na arte e na

ciência, o homem não pode fazer mais que construir seu próprio universo – um universo simbólico que lhe permite entender e interpretar, articular e organizar, sintetizar e universalizar sua experiência humana”.

No pensamento de Ernst Cassirer o indivíduo vive em um mundo carregado de sentidos, mediado pelo universo simbólico, cuja apropriação vai além da materialidade e a racionalidade cotidiana na qual a Arte está inserida e onde ocorre suas múltiplas relações com o mundo, ou seja, o universo dos fatos, representado pelas Formas Simbólicas (Figura 1).

Figura 1 – Cassirer e as Formas Simbólicas



Fonte: Gil Filho, 2008.

Para melhor compreendermos as Formas Simbólicas de Cassirer (figura 1) devemos levar em consideração as colocações que Gil Filho (2012) faz em relação ao mundo simbólico cassireriano. Para Gil Filho (2012) as formas simbólicas de Cassirer (figura 1) ocorrem devido ao fato de vivermos em mundo simbólico onde formas simbólicas específicas passam a atuar,

sendo elas: o mito, a religião, a linguagem e as artes.

O processo de conformação do mundo se realiza a partir dessas formas, sendo que a linguagem é a base destacada onde a energia simbólica opera. A linguagem perpassa seu caráter nominativo e significativo, as outras formas simbólicas mantendo as

propriedades de cada uma delas (GIL FILHO, 2012, p. 82).

pela obra estética singular (MÖCKEL, 2011, p. 331).

Logo, para Gil Filho (2012, p. 83) “o conhecimento teórico compreendido enquanto criações do pensar assim como o mito, a religião, a linguagem e as artes não podem ser consideradas metáforas do real, mas como a tessitura da realidade”.

Dessa forma, o homem não vive apenas neste universo físico e palpável, pois a sua concepção de mundo ultrapassa essa primeira hermenêutica. Logo o homem vive a partir de uma dimensão em que a arte, a religião, a ciência e a linguagem constituem a verdadeira experiência efetiva do indivíduo no mundo, formando assim o seu universo simbólico.

Para Möckel (2011, p. 325) “Cassirer concebe arte e linguagem como dois modos de pregnância simbólica, isto é, como duas formas simbólicas nas quais a essência da pregnância e da formação simbólica se manifesta”. A pregnância na qual Cassirer se refere diz respeito à unidade da figura (*Gestalt*), onde o singular representa o conjunto (MÖCKEL, 2011).

Assim, cada “som [singular] duma melodia percebido por nós” existe como tal, é compreensível como um som significativo “só no conjunto desta melodia”; ele não existe fisicamente como som singular de uma ou outra intensidade ou qualidade. Ele mostra-se como “mergulhado [...] no mar da melodia, na sua dinâmica, na sua rítmica, no seu flutuar”. Ou: “Temos a impressão que não podemos tirar duma obra de arte verdadeira qualquer momento singular sem, desta maneira, destruir a totalidade” estética, sem destruir a unidade da “atmosfera” que é transportada, representada

A Arte nesse mundo simbólico é assinalada pelas suas manifestações, sendo que a música, a partir da Geografia Cultural, pode ser pensada a partir das sensações, percepções e experiências. O universo simbólico de Cassirer é uma diretriz na busca dos significados que o homem utiliza na compreensão desse mundo. Para Gil Filho (2012, p. 54):

A função simbólica da mente humana é uma ação concreta que manifesta as obras humana e que coloca a linguagem, o mito, a religião, as artes e a ciência como formas simbólicas, na medida em que cumprem a função de plasmar o real. Cada uma das formas simbólicas age na conformação da realidade de modo específico em sua própria esfera de ação e princípio formador.

A Arte nesse contexto é criada e recriada pelo homem por meio do universo simbólico-cultural. Ao discutir a Arte como símbolo e forma em Cassirer, Rein (1959) enfatiza que a Arte não é pura expressão, uma vez que há uma relação entre o indivíduo e o universo. A autora enfatiza que na Arte o sentido é a forma para Cassirer.

El sentido de la obra de arte no es una Idea que la trasciende. En el arte, el sentido es la forma: “Hay que buscarlo en ciertos elementos estructurales de nuestra experiencia sensible, en las figuras, en las líneas, en las figuras, en las formas arquitectónicas y musicales”. Em consecuencia, “si el arte es simbolismo, el simbolismo del arte tiene que ser entendido en un sentido inmanentemente y no

transcendente”(REIN, 1959, p. 21).²

Para Rein (1959, p. 21) “Cassirer parece reconhecer aqui que la definición del arte como forma simbólica implica una ampliación del concepto de símbolo. Em efecto, el arte no se limita a expresar emociones o representar ideas”³. A autora continua tecendo suas considerações em relação à Arte a partir do mundo simbólico de Cassirer, e ressalta que “El arte es, esencialmente, construcción de una forma bella (REIN, 1959, p. 21)⁴.

Si admitimos el carácter simbólico el arte, tendremos que admitir una cuarta dimensión del símbolo: la belleza. A la distinción entre percepción de cosas y percepción de expresiones habria que agregar, entonces, la percepción de formas bellas. A las funciones expresiva y representativa del símbolo se agregará, del mismo modo, esta función estética o reveladora de las formas bellas (REIN, 1959, p. 21).⁵

² “O sentido da obra de arte não é algo que a transcenda. Na arte o sentido é a forma. Deve ser buscada nos elementos estruturais da nossa sensibilidade, nas imagens, nos traços, nas figuras, nas formas arquitetônicas e musicas. Em consequência a arte é simbólica, e o simbolismo da arte deve ser compreendido como um sentido imanente e não transcendente” (Tradução nossa).

³ “Cassirer parece reconhecer aqui que a definição da arte como forma simbólica implica em uma ampliação do conceito de símbolo. Em efeito, a arte não se limita a expressar emoções ou representar ideias” (Tradução nossa).

⁴ “A arte é, essencialmente, a construção de uma bela forma” (Tradução nossa).

⁵ “Se admitirmos o caráter simbólico da arte, tenderemos aqui a admitir uma quarta dimensão do símbolo: a beleza. A distinção entre percepção das coisas e percepção das expressões reside na percepção das formas belas. A função expressiva e representativa do símbolo adicionará, do mesmo modo, a função estética e reveladora dessas formas” (Tradução nossa).

A representação do universo simbólico da Arte é evidenciada por Rein (1959) na premissa de que este símbolo vai além do sentido físico, pois este transcende o físico e está nos significados que cada indivíduo atribui a si e ao seu entorno. Nessa perspectiva, a Arte pode ser compreendida por sua estética.

A Música é uma forma de Arte, que para Rein (1959, p. 21) ao explicitar o pensamento filosófico de Cassirer ressalta que “La música nos revela la escala de las emociones humanas desde la nota más baja la más alta”⁶. E continua suas considerações enfatizando que “El arte no es solo captación de la belleza, sino también de la vida bajo una luz que es algo más que un vislumbre momentáneo”⁷.

Assim, captar a essência das coisas, do mundo, dos objetos torna-se possível a partir da compreensão desse universo simbólico, estruturado por meio da base filosófica de Ernst Cassirer. E, como pontua Gil Filho (2010) a Geografia pode beneficiar-se desse mecanismo, já que é possível o debate teórico-metodológico pela Geografia Cultural a partir das formas simbólicas.

A música, como expressão, forma e sentido da Arte abre caminhos de estudo ao campo da Geografia, principalmente devido ao fato de estar ligada aos categoriais geográficos, como por exemplo, ao conceito de Lugar, sobretudo quando compreendemos que os indivíduos, ao habitar os distintos ambientes, percebem os sons e músicas dos lugares no qual estão inseridos a

⁶ “A música nos revela a escala das emoções humanas desde a nota mais grave a mais aguda” (Tradução nossa).

⁷ “A arte não é somente captação da beleza, mas também da vida sob a luz que é algo mais do que um vislumbre momentáneo” (Tradução nossa).

partir das sensações que ali são vivenciadas e das percepções que são adquiridas em sua experiência.

A arte na geografia: a música enquanto lugar

A música está presente em nosso cotidiano. Desde o nosso acordar, às atividades corriqueiras como caminhadas, dentro do carro ao ligarmos o rádio, ao cantarmos quando tomamos banho, no entretenimento televisivo, nas praças e ruas, enfim, a musicalidade penetra em nossos sentidos e emoções diariamente.

Segundo Panitz (2012) a música quanto nível pessoal cria repertórios subjetivos, organiza as memórias, participa da sonorização da vida cotidiana, cria sentido ao mundo. No nível coletivo está relacionada às memórias e histórias de vida compartilhadas pelos indivíduos, os lugares de encontro, narrativas do espaço-tempo, períodos históricos específicos, e até a estética sonora de cada geração, pois possui conteúdos geográficos específicos.

A música, no quadro geral da sociedade, apresenta características econômicas e sócio-culturais, uma vez que produz espacialidades diversas, locais de difusão, locais de execução, lojas especializadas, cenas musicais, tribos urbanas, entre outros (PANITZ, 2012).

A música ainda relata os lugares e lhes dá significado, protesta contra as injustiças do mundo ou cria ainda mais alienação, pode ser uma ferramenta de controle do imaginário social ou pode ser libertadora, ao construir espaços de esperança e resistência. Sua dimensão, como representação do mundo e como prática no/do espaço, se apresenta como uma geografia complexa que desafia os geógrafos a refletirem juntos com outras áreas do conhecimento,

como por exemplo, sociologia, a antropologia, a história, os estudos culturais, a comunicação social e a economia da cultura (PANITZ, 2012, p. 14).

É esta particularidade que torna possível o estudo da música pela geografia, mais precisamente pela abordagem cultural geográfica, que a partir dos anos 70, viu sua matriz epistemológica e metodológica transformada pelo resgate das filosofias de significado, a fenomenologia e o humanismo, adentraram enriquecendo os debates e estudos geográficos. Nesse período, além dos temas tradicionais, novas propostas surgem enriquecendo o campo de estudos dos geógrafos, logo a cultura popular, a espacialidade da religião, o estudo da geografia em obras literárias e na música, são assinaladas.

Estudos que permeiam uma geografia centrada no indivíduo e nas experiências, os seus significados que este tem do mundo, passam a serem evidenciados e discutidos, inclusive os debates em torno dos estudos sobre lugar e música. Nessa perspectiva, George Olney Carney⁸ e Lily Kong⁹

⁸ Nasceu em 23 de março de 1942, em Clinton, Missouri e faleceu no dia 13 de abril de 2015, nas Aldeias de Southern Hills em Tulsa. Foi professor de Geografia da Universidade Estadual de Oklahoma, onde obteve seu Ph.D em Geografia em 1971; Tornou-se um dos educadores mais populares no campus devido o método de Geografia e Música. Disponível em: <http://www.pmcfh.com/memsol.cgi?user_id=1561628> Acesso em 01/09/15

⁹ Professor Lily Kong é Vice-Presidente (University e Relações Globais) da Universidade Nacional de Cingapura. Ela leva a Universidade no seu desenvolvimento estratégico de se tornar uma universidade líder global através do reforço das relações com as diversas partes interessadas. Kong é um geógrafo e tem sido um membro do corpo docente do Departamento de Geografia NUS desde 1991. Principais focos de pesquisa do Prof Kong são a religião, a política cultural e

trouxeram valiosa contribuição aos estudos geográficos da música.

Para Carney (2007, p. 124) “A localização dos lugares é o ponto de partida de todo estudo geográfico, bem como o de todos os nossos movimentos pessoais e ações espaciais na vida cotidiana”.

Diversos estudiosos, basicamente geógrafos, escreveram sobre lugar. Todos observaram que o relacionamento de pessoa e lugar é recíproco – uma simbiose pessoa-lugar. Além disso, a maioria deles sustenta que lugar não é apenas onde algo está situado; o próprio lugar incorpora significado, que depende da história pessoal que uma pessoa traz para ele. É através dessas interações pessoas-lugar que desenvolvemos uma profunda associação psicológica com um lugar específico, seja ele lar, rua, cidade, zona rural, estado, região ou nação (CARNEY, 2007, p. 128).

Nessa perspectiva, segundo Carney (2007, p. 125) “Todos os lugares têm traços individuais, físicos e culturais que os distinguem de outros lugares”. Os lugares são vivenciados pelos indivíduos, que, a partir de seu contato com o mundo exterior, atribuem significados as suas manifestações.

Para Carney (2007, p. 116) “Os aspectos físicos e humanos juntos constituem o caráter geográfico total de um lugar específico”. Os lugares são constituídos de uma ancoragem emocional, carregam em si os traços culturais de um povo, uma cultura, sendo que fornecem o aporte para a construção do conhecimento geográfico.

economia criativa, e da identidade nacional. Disponível em: <http://blog.nus.edu.sg/lilykong/cv/> Acesso em 10/10/15.

Carney (2007, p. 125) ressalta que “Os lugares são marcados por uma história específica, mas mudam continuamente e tem um crescente significado para aqueles que os habitam, como um resultado dessas características”. Podemos enfatizar que o homem cria o lugar, marcando-o com seu conhecimento, a utilização de tecnologias, o próprio desenvolvimento histórico onde influência, sendo que as características físicas do lugar são o cenário no qual ocorre a ação humana (CARNEY, 2007).

“A construção do lugar é permeada por códigos de comunicação, que se estruturam dentro de um contexto cultural, e que, possuindo características psicológicas interligadas a elementos ambientais, possibilitam a geração de valor e significado” (ABREU SILVA, COSTA SILVA, 2009, p. 103). Diante do exposto, Claval (2001) ressalta o fato de que os lugares não possuem somente uma forma, cor, racionalidade funcional e econômica. O lugar é carregado de sentido para aqueles que os habitam ou frequentam. Tais considerações exprimem também os relatos de Almeida (2003) ao enfatizar que os lugares vividos são frutos das relações do homem e o meio e os sentimentos de pertencimento, sentimentos que correspondem às práticas e às aspirações, estando estas relações codificadas por signos que lhes dão sentido.

É nessa circunstância que as características únicas de lugares específicos podem oferecer pré-condições a novas ideias musicais. Logo o contexto histórico, ambiental e social de um lugar fornece cenário e inspiração para determinado indivíduo ou grupo criar música.

A música de um lugar pode oferecer ao estudo geográfico

elementos para a leitura do compartilhamento e da construção da memória e dos símbolos nele existentes (...). O estudo da música deve levar em consideração o lugar onde ela é produzida e tocada, com seus valores sociais e culturais. Pensar o lugar remete a pensar na localização, assim como nas paisagens que este comporta. (TORRES; KOZEL, 2010, p. 128)

Carney (2007) enfatiza que há possibilidades de compreender os lugares e a música por meio de uma hierarquia de lugares, revelando as distintas percepções e manifestações da música que estão relacionadas às ruas, aos bairros, as cidades, estados e províncias, regiões e nações, enfim elementos espaciais que são associados a diferentes tipos de lugares. Isso propiciado pelo nosso lugar de nascimento, pois este deixa uma marca que determina a maneira como percebemos outros lugares.

Para Carney (2007) os lugares também podem servir como fontes de inovação e de resistência musical; fontes para composição musical através de seus elementos naturais; referências para movimentos espaciais de gêneros e subgêneros musicais e, por fim; como instrumento para percepção e construção de imagens e mapas mentais sobre os lugares.

Com base nos estudos de Carney (2007) verificamos que o autor busca compreender a música através dos lugares (topofilia) e entre distintos lugares (heterotopia), adentrando ao estabelecimento de padrões, similaridades, diferenças e conexões da música com o lugar. Logo, destaca as principais referências de pesquisa geográfica sobre a música, perfazendo 10 taxonomias.

A primeira diz respeito à delimitação de regiões musicais e interpretação da música regional, ou as diferenças, de lugar para lugar, das preferências e gostos musicais das pessoas; a segunda às dimensões espaciais da música com relação à migração humana, vias de transporte e redes de comunicação, exportações de vinis, cassetes e discos; a terceira em relação à organização espacial da indústria da música; a quarta quanto às relações da música com outros traços culturais em um contexto de lugar; a quinta a relação da música com o ambiente. Exemplo: concerto ao ar livre, uso da madeira nos instrumentos, conteúdo poético falando da natureza; a sexta, diz respeito à música como função nacionalista e antinacionalista (CARNEY, 2007).

Ainda caracterizando tal categorial taxonômico, partimos para o sétimo categorial, ou seja, o lugar de origem (berço cultural) e a difusão de fenômenos musicais para outros lugares; o oitavo categorial diz respeito aos elementos psicológicos e simbólicos da música; o nono enfatiza a evolução de um estilo, gênero ou música específica de um lugar; e por final o décimo categorial onde são verificados os efeitos da música na paisagem cultural (CARNEY, 2007).

Além de Carney, os estudos geográficos da música tiveram importância com as contribuições desenvolvidas por Lily Kong. Na obra intitulada “Popular music in geographical analyses”, publicada em 1995, Lily Kong propõe focalizar a interface existente entre geografia e música, visando à contribuição que esse tipo de pesquisa pode dar ao entendimento cultural e social (CASTRO, 2009).

Lily Kong afirma que a música pode servir como um meio, um veículo, através do qual as pessoas

transmitem suas experiências ambientais, seja do cotidiano ou de um fato extraordinário, sendo útil para enriquecer discussões que envolvem noções como “espaço”, e “lugar” (CASTRO, 2009, p.13).

Kong (2009) ressalta que em relação à área de investigação geográfica, a música popular ainda não foi reconhecida no campo dos estudos geográficos, mesmo verificando que a música popular está inserida nas mais diversas sociedades, na constituição do cotidiano e penetrando na identidade da humanidade, assim como os mais longínquos e distintos lugares.

De acordo com Fuini (2014), Lily Kong aponta cinco principais correntes de pesquisa geográfica sobre a música.

- 1) Aquela que se preocupa com a distribuição espacial de formas, atividades, artistas e personalidades musicais, com forte influência estadunidense;
- 2) Exploração dos locais de origem da música e sua difusão, utilizando conceitos como contágio, relocação, difusão hierárquica e exame dos agentes e das barreiras à difusão;
- 3) Delineamento de áreas que partilhem alguns traços musicais, em diferentes escalas;
- 4) Tradição regional nos estudos geográficos da música, em que o caráter e a identidade dos lugares são apreendidos a partir das letras, melodia, instrumentação e impacto sensorial da música;
- 5) Análise temática das letras para investigar preocupações ambientais expressas nas músicas. A autora, por fim, reafirma o valor pedagógico dos cinco temas expressos, discutindo como a música pode auxiliar no ensino de conceitos geográficos, através do entendimento da origem da cultura, difusão cultural, via de difusão e percepção ambiental, assim como imagens características dos lugares (FUINI, 2014, p.100).

A partir do exposto verifica-se que a música, enquanto arte carrega traços geográficos, sendo que o lugar é percebido pelas emoções, sensações e representações subjetivas, conduzindo o indivíduo em sua relação simbólica com o mundo em que vive. A música fala por si só e conta as histórias dos lugares, marca as fronteiras, estabelece relações entre os indivíduos, fala sobre os povos, narra histórias, cria mundos, carrega valores, o caráter geográfico é evidenciado.

Considerações finais

A “Virada Cultural” trouxe novas bases teóricas e epistemológicas que possibilitaram à geografia cultural renovar-se enquanto ciência. Os estudos de gênero de vida, das especializações das culturas, das técnicas, deram lugar a temáticas centralizadas no homem, na estética, na identidade cultural, no imaginário e na poética do espaço. A compreensão da construção dos indivíduos, da sociedade, do espaço enquanto lugar e o simbolismo das coisas e objetos na paisagem foram propiciados pela inserção da fenomenologia e do humanismo no campo geográfico.

Autores como Claval (2001) e Rosendahl (2012), foram pontuados nesse trabalho a partir de suas colocações sobre a relação do lugar na paisagem e o seu caráter simbólico na geografia. As contribuições de Gil Filho (2010) trouxeram a preocupação em desenvolver uma segunda hermenêutica, sendo que as bases filosóficas propostas por Ernst Cassirer abrem essa possibilidade.

As contribuições de Cassirer expostas por Gil Filho (2010) demonstraram que o homem está inserido em um universo simbólico onde a arte, a religião, a ciência e a linguagem constituem a

experiência do indivíduo no mundo. A Arte nesse mundo simbólico é assinalada pelas suas manifestações, sendo que a música, a partir da Geografia Cultural, pode ser pensada a partir das sensações, percepções e experiências. A música enquanto arte abre possibilidades para a compreensão do lugar enquanto categorial geográfico.

Nessa perspectiva foram evidenciados os trabalhos desenvolvidos por Carney (2007) e Kong (2009) que trouxeram valiosa contribuição aos estudos geográficos na música. Em Carney (2007) foi constatada compreensão da música por meio dos lugares (topofilia) e entre distintos lugares (heterotopia), estabelecendo padrões, similaridades, diferenças e conexões da música com o lugar. Já em Kong (2009) foram apontadas as principais correntes de pesquisa geográficas sobre a música.

A partir do exposto é imprescindível destacar que a arte é um campo de estudo que permite à geografia cultural aprofundar o mais rico e valioso estudo em todos os âmbitos, visto que a percepção, a cognição, a representação, os sentidos que o homem atribui ao lugar onde vive, são mediados pelo universo simbólico na qual esta está compreendida. Assim, a música carrega os traços dos lugares que estão repletos de sentidos para o homem, lugares geográficos que passam a ser mediados pela arte.

Referências

ABREU SILVA, G. H. de. COSTA SILVA, J. de. A música dos bois-bumbás: um forte elemento na caracterização do lugar parintinense. In: KOZEL, S.; COSTA SILVA, J. da; FILIZOLA, R.; GIL FILHO, S. F. (Orgs.) **Expedição Amazônica: Desvendando espaço e representação dos festejos em comunidades amazônicas**. “A festa do boi bumbá: um ato de fé”. Curitiba: SK Ed., 2009. Capítulo IV, p. 97-115.

ALMEIDA, M. G. de; RATTIS, A. (Orgs) **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003.

CARLOS, A. F. A. A Geografia Brasileira, hoje: Algumas reflexões. **Terra Livre**. São Paulo, ano 18, vol.1, nº 18, p.161 – 178 jan.-jun./2002. Disponível em <http://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/view/151/140> Acesso em 02/10/15.

CARNEY, G. O. Música e Lugar. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.) **Literatura, Música e Espaço**. RJ: EDUERJ, 2007, p. 123-150.

CASSIRER, E. **Ensaio Sobre o Homem**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CASTRO, D. de. Geografia e música: a dupla face de uma relação. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n. 26, p. 7-18, Jul/Dez, 2009.

CLAVAL, P. Geografia Cultural: um balanço. **Revista Geografia**. Londrina: UEL, v. 20, n. 3, p. 005-024, set./dez, 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/14160>> Acesso em: 20/10/15.

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2001.

_____. **Terra dos Homens**. São Paulo: Contexto, 2010.

FUINI, L. L. Territórios e territorialidades da música: uma representação de cotidianos e lugares. **GEOUSP – Espaço e Tempo**. São Paulo, v. 18, n. 1, p. 97-112, 2014.

GIL FILHO, S. F. **Espaço Sagrado: estudos em geografia da religião**. Curitiba: Ibpx, 2008.

_____. Geografia das Formas Simbólicas em Ernerst Cassirer. In SERPA, A.; BARTHEDELOIZY, F. (Orgs.). **Visões do Brasil - Estudos Culturais em Geografia**. Salvador: EDUFBA, 2012.

_____. Espacialidades de Conformação Simbólica em Geografia da Religião: Um ensaio epistemológico. **Revista Espaço e Cultura**, nº 32, (2012), p. 78-90.

_____. Representações e formação dos territórios: Notas para uma geografia das formas simbólicas em Ernst Cassirer. In ANAIS XVI ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS CRISE, PRÁXIS E AUTONOMIA: ESPAÇOS DE RESISTÊNCIA E DE ESPERANÇAS - ESPAÇO DE SOCIALIZAÇÃO DE COLETIVOS, 2010, Porto Alegre - RS, 2010.

KONG, L. Música popular nas análises geográficas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Cinema, música e espaço**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2009. p. 129-175.

MOCKEL, C. Arte e linguagem como duas formas simbólicas nas obras póstumas de Ernest Cassirer. **Revista Filosófica de Coimbra**, nº 40, (2011), p. 325-336.

PANITZ, L. M. Geografia e música: uma introdução ao tema. **Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales** Barcelona: Universidad de Barcelona, 30 de mayo de 2012, Vol. XVII, nº 978.

REIN, M. **LA FILOSOFIA DEL LENGUAJE DE ERNEST CASSIRER**. Universidad de la República, Montevidéo, (1959).

ROSENDAHL, Z. História, Teoria e Método em Geografia da Religião. **ESPAÇO E CULTURA**. Rio de Janeiro, UERJ, n. 31, p.24-39, Jan./Jun., 2012. Disponível em:<<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6121/4422>>. Acesso em: 17/10/15.

TORRES, M. A.; KOZEL, S. Paisagens sonoras: possíveis caminhos aos estudos culturais em geografia. **RA'EGA**, Curitiba: UFPR, n. 20, p. 123-132, 2010. Disponível em:<<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/raega/article/view/20616>> Acesso em 03/10/15.

Recebido em 2016-08-17

Publicado em 2017-05-04